

DT
613.65
.G66165
1899
AFA

DIOGO GOMES

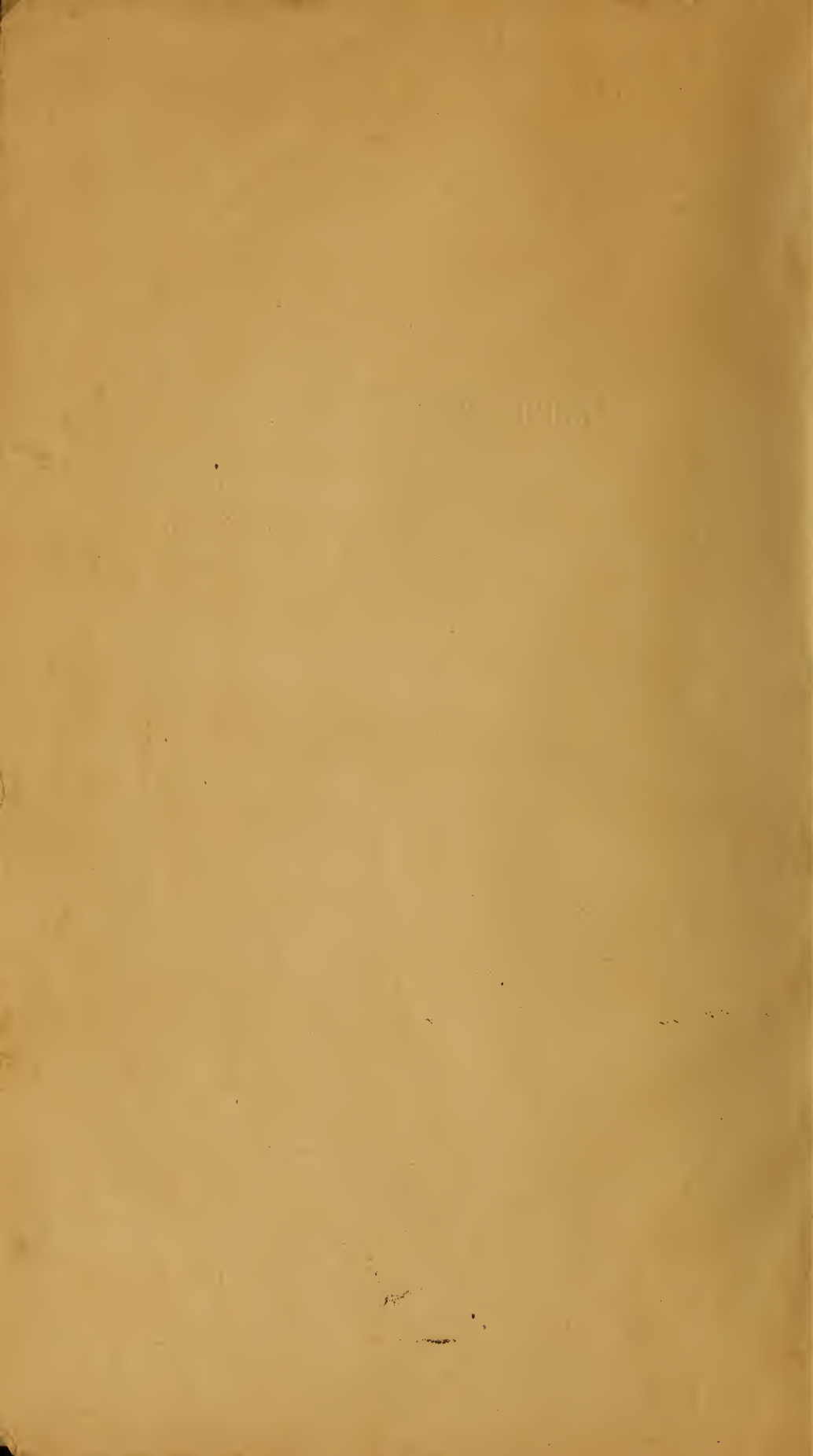
AS RELAÇÕES DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ E DAS ILHAS DOS AÇORES, MADEIRA E CABO VERDE

VERSÃO DO LATIM

POR

GABRIEL PEREIRA

S. S. G. L.



DIOGO GOMES

AS RELAÇÕES DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ E DAS ILHAS DOS AÇORES, MADEIRA E CABO VERDE

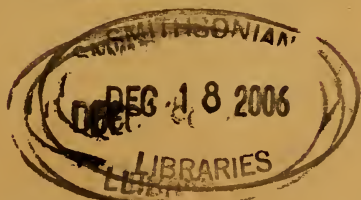
VERSÃO DO LATIM

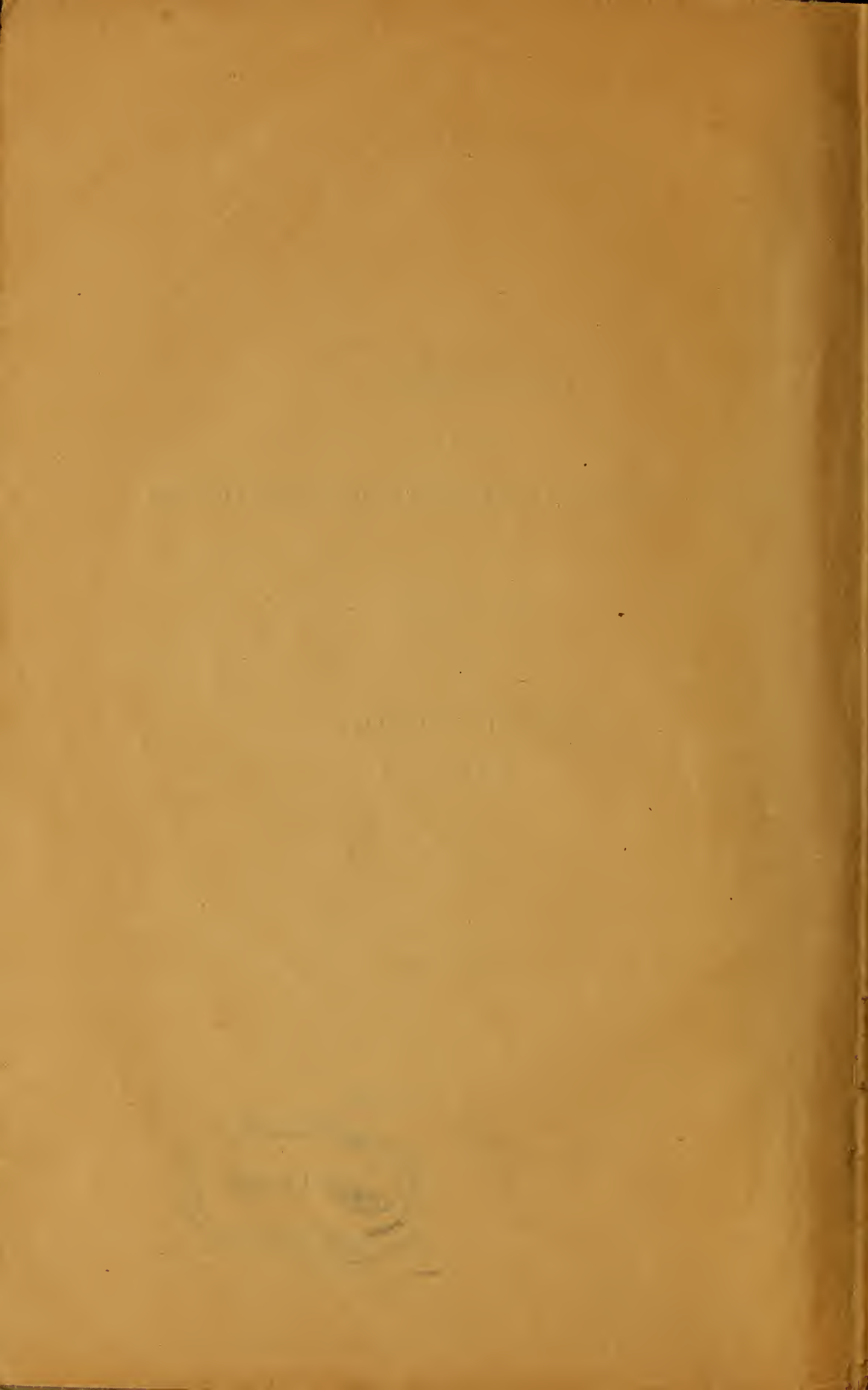
POR

GABRIEL PEREIRA

S. S. G. L.

A. G. Pereira de L. G.





DIOGO GOMES

AS RELAÇÕES DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ E DAS ILHAS DOS AÇORES, MADEIRA E CABO VERDE

VERSÃO DO LATIM

POR

GABRIEL PEREIRA

S. S. G. L.

EXPLICAÇÃO

As duas narrativas de Diogo Gomes, almoxarife do paço de Cintra, referem-se ao descobrimento de Guiné, e ao das ilhas Canarias, Açores, Madeira e Cabo Verde.

Elle contou essas viagens e aventuras a Martinho de Bohemia, e este escreveu-as em latim. Valentim Fernandes Allemão, transcreveu-as na sua collecção de noticias sobre os descobrimentos e estabelecimento dos portuguezes na Africa e na Asia, que formam um codice que de ha muito existe na bibliotheca real de Munich.

Um grande investigador allemão, o dr. Schmeller, imprimiu um folheto em 1845, descrevendo minuciosamente o codice de Valentim Fernandes, *Ueber Valentī (ou im) Fernandez Alemã und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Afrika und Asien bis zum Jahre 1508*. N'esta publicação tornou conhecidas as duas narrativas de Diogo Gomes, pois as transcreve na integra com algumas alterações no latim, de Martinho de Bohemia, a que elle chama especie de lingua franca da idade media.

A bibliotheca nacional de Lisboa possui hoje uma copia muito bem feita do codice de Munich; foi sobre esta copia que nós fizemos a versão em vulgar.

O texto de Schmeller não é exacto, apparecem enganos de leitura, e como o original não é pontuado elle marcou os periodos ou paragraphos muitas vezes com exactidão, outras sem necessidade e com alteração de redacção. Escreve Trasto em vez de Crasto; desdobra as abreviaturas de Gonçalves ou Gonçales em Gonzalez; ás vezes o erro é maior, onde na copia authentica está: oves (ovelhas), elle apresenta *aves*; Munius por Nunus; etc.

Na transcripção dos nomes portuguezes apparecem variantes que denunciam o esforço que Martinho de Bohemia empregou para que os

seus patricios conhecessem o melhor possível a palavra pronunciada á portugueza: Teschera por Teixeira, Funtschal por Funchal, Matschico por Machico; e assim apparecem Miziot (Miciote), tesch, que é o teixo, madeira, etc.

Schmeller falla da *ribeyra dos Cuccurrendus*, na ilha da Madeira; na copia a que nos referimos vem *Cuccurrendus*, que deve ser a ribeira dos *Soccorridos*; e assim *Akurudus*, que será *Accorridos*.

Dois nomes de madeiras, e da ilha da Madeira, nos apparecem: barbusano e barrabulano, em Schmeller e na copia. Em outra narrativa do mesmo codice, em portuguez, temos *barbusano* e *marbolano*; juntamente com as outras madeiras: cedro, til, teixo, pau branco, vinhatico, adorno, azevinho e urze.

O *Abelhart* de Diogo Gomes é o *Vallarte* de Azurara. (*Chronica de Guiné*, cap. xciv Como Vallarte foi á terra de Guiné).

Quem era Diogo Gomes? Das suas relações conclue-se que foi moço da camara do infante D. Henrique, e pessoa de sua confiança durante largos annos; depois da morte do infante ainda fez viagem; e foi ao que parece depois d'isto, almoxarife do paço de Cintra, e n'este emprego o conheceu Martinho de Bohemia, o inclito cavalleiro allemão, como lhe chama Valentim Fernandes.

Foi capitão da caravella *Piconso*, de Lagos, e n'elle foi a Fancaso, alem do Rio Grande, a Cabo Verde, etc. Conta os ultimos dias do grande infante, o enterro em Santa Maria de Lagos, e a trasladação para a capella real do mosteiro da Batalha.

Dois annos depois, D. Affonso v o manda n'um caravellão (1462-1463); foi ao Barbacim e ahi se encontra com Gonçalo Ferreira e Antonio de Noli, o genovez, e acontece então a descoberta de S. Thiago de Cabo Verde.

Azurara não o conheceu? Effectivamente percorrendo agora o Azurara não encontrei Diogo Gomes, mas é possível que seja aquelle *Gomes vinagre*, moço de boa geração, criado na camara do infante, de que falla na *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné*, a pag. 82: porque a maneira como vem o *vinagre* dá a entender que se trata de alcunha, e não de appellido.

Quando foi que o almoxarife do paço de Cintra contou a sua historia a Martinho de Bohemia?

Ha varias referencias que marcam a epocha approximada.

Tratando do Funchal diz:

«Onde agora ha grande povoação.»

È diz:

«Tendo morrido o capitão João Gonçalves, ficaram seus dois filhos... o mais velho chamado João Gonçalves da Camara ficou capitão... o

outro, Rodrigo Gonçalves da Camara foi feito capitão na ilha de S. Miguel.»

Ora isto mostra que o extremo da narrativa attinge 1475, ou pouco depois. (Vide *As saudades da terra*, pelo dr. Gaspar Fructuoso. *Historia das ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*. Mss. do seculo XVI, annotado por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, 1873; principalmente nas notas de pag. 441-445).

Attendendo ao que está conhecido das viagens e estadas de Martinho de Bohemia em Portugal, temos de chegar a alguns annos mais tarde para a epocha da narrativa, a 1482 ou depois.

Isto é, Diogo Gomes, antigo moço da camara do infante D. Henrique, e ainda navegador em tempo de D. Affonso V, foi depois, quando talvez já não tivesse vigor para os trabalhos do mar, feito almoxarife do paço de Cintra, e estando ahí contou a Martinho de Bohemia o que sabia das navegações ultramarinas; o que sabia pela tradição oral, e pela experiencia propria, até á epocha em que elle deixára a vida das caravellas.

É grande a importancia da relação de Diogo Gomes, e H. Major utilisou muito d'ella na *Vida do infante D. Henrique* (traduzida em portuguez por José Antonio Ferreira Brandão, Lisboa, 1876), por exemplo e a proposito da morte do infante, e ao tratar da descoberta das ilhas de Cabo Verde. Todavia o Diogo Gomes parece-nos um tanto blasonador de seus meritos, apresentando-se sempre em primeiro logar, e até em unico logar, e de grande tendencia a deprimir os companheiros, por exemplo no caso das ilhas de Cabo Verde a respeito do genovez Antonio de Noli.

Bettencourt viu isto já (*Descobrimientos, guerras e conquistas dos portuguezes em terras do ultramar, nos seculos XV e XVI*, por C. A. Bettencourt, Lisboa, lithographia Matta, 1882) ao descrever o codice mss. de Valentim Fernandes, exactamente a copia que hoje pertence á Bibliotheca Nacional, fazendo largas referencias ao tratado de Diogo Gomes.

Tambem no excellente artigo, *Madeira*, do *Diccionario universal portuguez*, editado por H. Zeferino (Lisboa, 1884), se encontram passagens de Gomes. É certo, porém, que o conhecimento da relação provinha principalmente de H. Major; depois de Bettencourt; porque o folheto de Schmeller, que não é vulgar, ainda ha poucos annos era quasi desconhecido entre nós, e pouco lido por ser em latim. Foi por isto que resolvemos fazer a versão portugueza das relações de Diogo Gomes, favorecidos agora com a vantagem de a podermos verificar sobre a copia authentica do codice de Valentim Fernandes.

Maio de 1899.

Do descobrimento da Guiné

De que modo foi achada a Ethiopia austral a qual se chama Libya inferior, alem da que Ptolomeu descreveu, a qual se chamava Agizimba, agora, porém, chamada Guiné pelos descobridores portuguezes até o dia de hoje, a qual descoberta referiu Diogo Gomes, almoxarife do paço de Cintra, a Martinho de Bohemia, inclito cavalleiro allemão.

No anno do senhor de 1415 um certo nobre do reino de Portugal, D. João de Crasto (Castro), era capitão da armada feita por D. Henrique, infante, filho de João I, rei de Portugal, e irmão da duqueza de Burgúndia (Borgonha), mãe de Carlos.

O qual infante sempre cuidou de agasalhar homens illustres e nobres, e de mandar á sua custa a descobrir regiões ignotas.

E o sobredito João de Crasto, navegando pelo mar Atlantico tomou á força parte de uma ilha chamada *Gran Canaria*, a qual parte da terra ou da ilha se chamava na lingua dos seus naturaes *Telli*, que quer dizer fertil.

E querendo voltar encontrou no mar grandes innundações de mar, a que os portuguezes chamam correntes, entre uma e outra ilha, as quaes ilhas estão alem do cabo de *Non*, onde Hercules poz columnas nas quaes estava escripto: *Quis navigat ultra caput de Non revertetur aut non*, o que sôa na lingua portugueza: *Quem passa no cabo de Non tornará si ou nom*. Por isso que Hercules ali fizera o termo da sua navegação, temendo que por causa das grandes correntes do mar não podesse voltar.

E assim o sobredito capitão voltando a Portugal com grande trabalho annunciou ao senhor infante o que ficou escripto supra.

Porém no anno seguinte, 1416, mandou o senhor infante D. Henrique um cavalleiro nobre, de nome Gonçalo Velho, para alem das ilhas Canarias, ao longo da beira-mar, desejando saber a causa de tão grande corrente.

O qual navegou alem e achou mar tranquillo e sereno junto da costa de Africa ou da Libya, e chegou a um logar que se chama agora *Terra alta*. Na praia d'aquella terra havia apenas areia, não se achavam ali arvores nem hervas; a qual terra arenosa passa ao pé dos Montes Claros e vae até ao monte Sinay, e ainda alem, e se chama Mar Arenoso, e tem de largura 37 jornadas, dividindo os homens brancos e pretos uns dos outros.

Este mar arenoso, os *carthaginezes*, agora chamados *tunisios*, em caravanas, levando ás vezes até 700 camellos, atravessaram até ao logar chamado *Tambucutu*, e a outro paiz, *Cantor*, em demanda do oiro arabico que ahi se encontra em grande copia, dos quaes homens e animaes muitas vezes apenas voltou a decima parte.

O que ouvido pelo infante D. Henrique o nomeou a inquirir d'aquellas terras pela agua do mar, para ter commercio com ellas e para sustentar os seus nobres.

Este cavalleiro, chegando á presença do Senhor Infante, lhe annunciou que achára o mar sereno, e sempre vento fresco do norte, e grande copia de pescaria em toda aquella costa.

O infante então mandou preparar um navio chamado *Talhin* e d'elle fez capitão o vedor de sua casa chamado Affonso Gonçalez Baldaya. E com elle mandou dois mancebos nobres com dois cavallos, os quaes, como chegassem alem da *Terra alta*, foram enviados terra dentro, no logar agora chamado *Angla de cavallos*.

E cavalgaram levando cada um consigo mantimentos para alguns dias; e o navio continuando a seguir aquella costa os esperava em logar marcado.

Os cavalleiros marcharam por nove dias, acharam vinte e dois homens *sarracenos*, de côr avermelhada, usando azagaias e gomias, que pelejaram com estes dois.

Os cavalleiros, porém, desejavam apanhar um para que d'elle soubessem o sitio em que estavam.

Um d'estes nobres chamava-se Heitor Homem, e o outro, Lopo de Almeida.

E um dos sarracenos feriu o dito Lopo de Almeida em um pé, e Heitor Homem, furioso, matou o sarraceno.

N'aquelle dia, pela primeira vez, correu o sangue dos christãos na terra de Guiné.

Estes dois cavalleiros eram de vinte annos de idade.

Por causa do escurecer da noite deixaram de lutar.

No outro dia, porém, nenhum sarraceno appareceu.

Os dois cavalleiros, seguindo os vestigios da sua passagem na areia, voltaram para a costa chamada *Rio de Ouro*, onde acharam muitas redes feitas de cascas de arvores, porque n'aquelle logar ha grande pescaria.

Estes nobres, procurando o seu navio, caminharam por 12 leguas até enconral-o; os do navio já queriam voltar a Portugal, julgando que elles tivessem morrido.

Ahi deixaram os cavallos, que estavam quasi mortos, subiram para o navio, e vieram a Portugal, ao senhor infante, que ficou em extremo alegre, porque agora já sabia que a terra era habitada.

Elle admirava as redes que trouxeram feitas pelos homens d'aquelle paiz. Tambem elles contaram de como na barca entraram no rio, agora chamado *Ryo Douro* (do ouro), e no meio d'este rio acharam uma ilha de areia, onde estava multidão de lobos marinhos. E á ilha tinham chamado *Ilha de Lobos*; e d'estes lobos marinhos trouxeram muitos a Portugal ao senhor infante, que muito se admirava.

Depois d'isto o senhor infante foi occupado por outros negocios, durante alguns annos, nos quaes não tratou de Guiné, porque o rei de Portugal, D. Duarte seu irmão, com grande exercito e armada passou a Africa, a Tingitana (Tanger) cidade fortissima; e nada na verdade fizeram de importancia militar, e assim voltou para Portugal.

E depois de não pouco tempo o senhor infante mandou um navio pequeno ao rio do Ouro, vulgarmente *Ryo douro*, para ver se poderiam apanhar um lingua d'estes *Cenegios* que tinham encontrado, e mandou ao piloto ou capitão do navio que permanecesse ahi na Ilha dos Lobos.

E assim ficaram ahi por tres mezes e mataram muitos lobos marinhos que trouxeram comsigo.

N'este pequeno navio foi por capitão Garcia Homem, irmão do dito Heitor Homem, e foi pelo mar largo e singrou por alguns dias seguindo a costa para Guiné, e achou o logar agora chamãdo *Pedra de Galéa*, e saltou muitas vezes em terra e não topou homem algum, só pégadas, porque o gentio fugia da costa, estando já de sobre-aviso.

Vendo que nada aproveitavam, voltaram a Portugal e de tudo deram nova ao senhor infante, que ficou contente porque tinham achado rasto de homens.

Logo o sr. infante fez armar duas caravellas e mandou por capitão mór um certo cavalleiro já idoso chamado *Nuno Tristão*, e na outra caravella foi por capitão *Antonio Gonçalves*, muito moço, que depois teve castello em *Tomar*, com outros moços da camara do senhor infante, e mandou que fossem ao *rio do Ouro* e se encontrassem gente fizessem paz com ella.

E assim foram ao rio do Ouro; de noite foram em bateis até perto da praia, e pela manhansinha viram uns homens que vinham a um poço para tirar agua.

Alegres entraram em terra com as suas armas, e tomaram treze homens e mulheres; os outros porém fugiram.

Entre elles tomaram um homem velho e respeitavel chamado *Adavu*; e alguns eram avermelhados e outros pretos.

E assim contente o capitão mór armou cavalleiro o menor, o mais moço, chamado *Anton Gonzalez*, que era parente do capitão da ilha da Madeira.

E voltaram a Portugal ao senhor infante que muito se alegrou com elles.

E por estes teve começo o conhecimento d'aquelle paiz, de como era povoado; e diziam que todos os habitantes proximo da costa maritima comiam peixe quasi crú.

E os que habitam na terra teem tendas ou barracas e se chamam *Cenegios* ou *Arabes*, e vivem vida bestial, e comem carnes quasi cruas e leite, porque naquella terra não ha arvore alguma nem herva, e comem as carnes, quando as podem ter, aquecidas ao sol.

Alli teem muitos abestruzes e gazellas, que são animaes vulgarmente chamados *gattos de Algalia*, cujos testiculos e vulvas tem grande aroma parecido com o almiscar.

E o senhor infante por estes soube do caminho para ir a *Tambucutu*, e disseram-lhe muitas falsidades. E disseram que os arabes indo de *Adem* para *Tambucutu* levam ás vezes 400 a 500 cavallos, e acham no caminho um grande monte que é chamado *Montanha de Abofur*, e disseram que aquella serra era povoada de gente admiravel, como que os homens tem cabeça de cão e grande cauda, e são muito cabeiludos, e as mulheres são lindas e de grande vergonha, etc. e muitas outras cousas que pareciam falsidades. E disseram que frequentemente 300 camelos voltavam de *Tambucutu* carregados de ouro.

E esta foi a primeira noticia que houve do ouro e donde se encontraria a sua origem.

Depois o senhor infante mandou caravellas, em uma dellas foi um seu familiar chamado *Gonçalo de Sintria* e na outra um certo Dinis Dias, e que fossem alem do logar chamado *Pedra da Galé* mais longe, a ver se podiam apanhar ou achar mais linguas. E navegando alem acharam um logar agora chamado *Cabo Branco*, e acharam gente naquelle logar que agora chamam *Furna*, e apanharam alguns. E foram alem, ao logar que agora chamam *Arguyn*. *Arguyn* é uma ilha proxima de terra e muito povoada de *Cenegios*, que estavam avisados

d'aquellas caravellas, de modo que muitos fugiram; muitos d'elles porém foram captivos e mortos.

Aquella ilha tem muitos logares onde nasce agua doce na areia.

E por isto o senhor infante depois mandou construir ahi um castello, e poz ahi gente sua christã e um sacerdote chamado *Polono*, da villa de *Lagos*, e este foi o primeiro que celebrou o officio divino na Guiné.

E a este castello vinham os arabes da terra trazendo ouro puro em pó, e recebiam em troca trigo e *mantas* brancas (mantones) e *berneses* e outras mercadorias que para alli mandou o infante em uma *hulica* grande, que foi de *Robert Kerey* (ou *Ererey*).

E assim sempre até agora se faz o commercio, trazendo os negros o ouro da terra de *Tambucutu*.

Este castello foi construido no anno de 1445.

E assim os sobredits voltaram para o infante.

De novo o sr. infante fez uma armada de quatro caravellas; capitães *Gylianés de Villalobos*, cavalleiro, *Lançarote*, almoxarife de *Lagos*, e *Nuno Tristão* e *Gonçalo Affonso de Sintria* e muitos outros de boas familias.

Os quaes foram a *Arguim* e passaram alem e tomaram uma ilha que se chama *Tesslin*, e uma ilha grande chamada *Tyder*, e outra ilha *Onar*. E acharam a ilha *Tyder* cheia de homens e mulheres.

E eu *Diogo Gomes*, almoxarife de *Sintria*, sósinho, apoderei-me de 22 pessoas, que estavam escondidas e as trouxe ante mim, sósinho, como se fossem rezes, por meia gua, até aos navios.

E semelhantemente succedeu com os outros, e tomámos neste dia de estes *Cenegios*, homens de côr avermelhada, 600 e quasi 50, e com estes voltámos a Portugal, a *Lagos* do Algarve onde estava o senhor infante, que muito se alegrou comnosco.

Depois mandou o senhor infante, outra vez, *Gonçalfonso de Sintria*, e foram ainda ás ilhas sobreditas e batalharam com os *Sarracenos Cenegios*, e as mulheres fugiam, e *Gonçalo de Sintria* perseguia-as pela agua, e as mulheres tomaram lodo do mar e lançaram-lh'o á cara, e o cegaram, de tal modo que ficou completamente cego, e sobrevindo os homens o mataram. E voltaram os outros para a caravella, vindo para Portugal a trazer as novas ao senhor infante, e trouxeram comsigo mais de 60 *Cenegios* de um e outro sexo.

E o senhor infante tinha sempre de todos os captivos que traziam uma quarta parte, e costumava dar-lhes tudo o que careciam, e tudo fazia á sua custa.

Depois o senhor infante expediu outras caravellas, e foram alem d'aquellas ilhas até ao rio de *S. João* e ao logar que é chamado *Cabo de Toffia*, e nada mais fizeram, e assim tornaram.

Depois d'isto no seu conselho o senhor infante dizia que para o futuro não brigassem com aquella gente naquellas regiões, mas que travassem alianças, e tratassem de commercio, e com elles assentassem pazes, porque a sua intenção era fazel-os christãos. E mandou caravellas preparadas para paz e guerra.

E foram passando alem do *Cabo de Tofia* (ou *Cofia*), e acharam uma terra despovoada, arenosa, como a anterior, sem hervas nem arvores.

E navegando ainda mais viram uma terra cheia de arvores e palmeiras, e saltaram na terra firme.

E toda aquella gente era preta, e os christãos faziam signaes de paz, e elles não entenderam.

Mandaram os christãos mercadorias que comsigo haviam trazido para a terra firme, e elles receberam-nas e não quizeram fallar. Os christãos bem poderiam tomar alguns, e não ousavam, porque o senhor infante assim lhes ordenára, nem que lhes fizessem qualquer cousa nociva, e assim nada lhes fizeram.

E passando alem acharam um rio grande que é chamado *Cenega*, muito povoado, e fallaram os christãos com essa gente pelos homens que comsigo levavam, e trataram paz com elles, e fizeram commercio, e de ahi traziam muitos *pretos por compra*. E assim desde então até agora, e cada dia mais, trazem pretos sem numero de aquelle logar. Aquella terra se chama *Geloffa*.

E estas cousas, que aqui escrevemos, se affirmam salvando o que diz o illustrissimo Ptolomeu, que muitas boas cousas escreveu sobre a divisão do mundo, que porem falhou nesta parte.

Pois escreve e divide o mundo em tres partes, uma povoada que era no meio do mundo, e a septentrional diz que não era povoada por causa do excessivo frio, e da parte equinoxial do meio dia tambem escreve não ser habitada por motivo do extremo calor. E tudo isto

achámos no contrario, porque o pólo arctico vimos habitado até alem do prumo do pólo, e a linha equinoxial tambem habitada por pretos, onde é tanta a multidão de povos que custa a acreditar. E aquella terra meridional está cheia de arvores e fructos; mas outras especies de fructos, e as arvores são tão grossas e de tamanha altura que só vendo se póde crer. E eu digo com verdade que vi grande parte do mundo, mas nunca vi cousa parecida.

Ahi as aves não são como as nossas, a não ser as *minhote*, etc.

E o senhor infante estabeleceu duas casas n'aquelle paiz dos *Cenegios* para tratar negocios do oiro, a saber: em *Arguin* e outra no rio de S. João, que está perto a *Cofia* e *Anteroti*.

O infante D. Henrique teve um sobrinho chamado infante D. Fernando, que era filho do rei Artur (sic), irmão de D. Henrique infante, o qual infante D. Henrique recebeu o infante D. Fernando como filho adoptivo e herdeiro, porque não tinha filho. E assim herdou de elle muitos castellos e cidades, as ilhas dos *Açores* e da *Madeyra* e tudo que lhe pertencia quanto ao secular, porque no espiritual tudo cedeu á *ordem de Christo*, a qual ordem antes fôra de *Templarios*, com auctoridade do Summo Pontifice, que condemnou esta ordem.

N'este tempo o infante D. Henrique recebeu graça, privilegio e cartas do Summo Pontifice, que então era *Eugenio*, que nenhum principe, rei, nem senhor algum ousasse ir aos paizes da Guiné sem licença d'elle e do rei de Portugal, sob pena de excommunhão.

Pouco tempo depois o senhor infante mandou que as caravellas caminhassem mais alem, indo porém preparadas para paz e guerra. E descobriram um promontorio formosissimo, entrando ao mar, a que chamaram *Cabo Verde*. E n'este logar começa a linha equinoxial, porque dias e noites ahi sempre são iguaes no inverno como no verão, e aquellas gentes são na maior parte negros.

E as caravellas indo alem de Cabo Verde, isto é, para o polo antarctico, descobriram terra deserta. E navegando ainda alem acharam uma grande praia, e chegaram a ella com os seus bateis. E logo saíram dos arvoredos innumeraveis gentes pretas: e o senhor d'aquelle gentio, por nome *Besegichi*, homem mau e traiçoeiro; e todos os seus vizinhos o odiavam, porque era pessimo.

E arremessou aos christãos setas envenenadas, e ficaram feridos alguns christãos que logo morreram do veneno. E assim enganou os

christãos, dissimulando a malicia, mostrando o rosto bom e risonho, para que se approximassem da terra. E approximando-se da praia mandou aos seus para que atirassem as setas aos christãos. E assim morreram muitos dos christãos. E não entrando na terra voltaram ao rio *Cenega*, onde acharam outras caravellas suas, e assim todos voltaram a Portugal. E n'este tempo em qualquer mez iam caravellas tratando com mercadorias.

Depois que o senhor infante soube nova tão nefanda, mandou uma caravella armada de paz e guerra, na qual foi por capitão *Nuno Tristan*, já nomeado, que foi ao paiz dos *Cenegos* com outros nobres. Os quaes de Portugal directamente navegaram a *Cabo Verde*, e o passaram chegando a uma terra de homens maus chamados *Serreos*. E acharam muitos d'elles na praia com seus arcos e setas venenosas, e não quizeram fallar com os christãos.

Navegando alem ainda foram á terra de *Barbacins* e acharam um rio pequeno que agora chamam *Ryo Nuno Tristan*. E indo alem viram muitos negros d'aquella terra em almadias dentro no rio e fóra no mar, com setas venenosas, e mataram todos estes christãos. E tomaram a caravella e levaram-na para dentro do rio e destruíram-na.

E eu *Diogo Gomes* tive muito tempo depois uma ancora que me deu de presente o rei dos pretos. E eu fui o primeiro christão que fiz paz com elles, e este rei se chama *Nomemains* e é senhor de muitas almadias.

Ouvindo o senhor infante a má nova da morte dos seus christãos ficou mui triste. E estava então de visita no seu palacio um certo nobre do reino da *Suecia*, que veio a Portugal para se fazer cavalleiro no ultramar em Africa, cujo nome era *Abelhart*. Desejando ver terras estranhas, e principalmente *Guiné*, pediu ao senhor infante que o mandasse áquellas regiões. E o senhor infante cedeu ao pedido d'elle, deu-lhe uma caravella armada com alguns nobres da sua côrte.

Estes navegaram ainda alem do logar já dito, onde os christãos tinham sido mortos. E acharam os pretos com almadias armadas, mais de trezentas, com as suas setas venenosas, e pelejaram com os christãos e ficaram muitos mortos e quasi todos feridos, excepto tres rapazes. E sobrevindo vento forte foram levadas para o mar quebradas as ancoras e rotos os cabos, quasi por milagre de Deus.

E na caravella estava um certo ancião gravemente ferido, grande marinheiro. Conhecendo que ia morrer disse aos meninos: depois que eu morrer ide para o norte com a vossa caravella e encontrareis o reino dos christãos.

Muitos dos christãos que estavam feridos com veneno morreram, e por milagre de Deus estes tres rapazes lançaram ao mar os cadáveres d'elles, vendo sem temor de que modo os corpos desciam á profundez, e assim fizeram tambem ao velho marinheiro. Quando elles, porém, entraram no grande mar oceano, seguindo o ensinamento do ancião, sem vista da terra nem das ilhas, vieram por instincto de Deus ter a Portugal.

E quando avistaram terra saiu-lhes ao encontro um certo corsario com muitos navios, chamado *Machin* de Trapana, e um dos seus navios menores chegou á caravella dos meninos, e entraram n'ella, e acharam aquelles tres meninos e ficaram muito admirados. E isto era ao pé do *Cabo de Pichel*, a 7 leguas de Lisboa. O corsario tripulou a caravella e dirigiu-a para Lisboa com os meninos.

Algum tempo depois o senhor infante armou uma caravella de *Lagos*, chama-la *Piconso*, e fez *Diogo Gomes* capitão d'ella.

E armou tambem outras duas caravellas, para que fossem alem. E mandou que *Diogo Gomes* fosse capitão mór d'estas caravellas.

N'uma das caravellas foi capitão *João Gonçalves Ribeiro*, creado do infante, e na outra *Nuno Fernandes de Baya*, escudeiro do mesmo infante. E ordenou-lhes que fossem ávante quanto podessem.

E assim passámos o rio de S. Domingos e outro rio grande que se chama *Fancaso*, para lá do *Ryo grande*, e tivemos ali grandes correntes do mar, e na enchente faz grande impeto, o que chamam *maccareo*, porque então não ha ancora que possa aguentar.

Por este motivo outros capitães e homens d'elles temiam muito, julgando que era assim todo o mar alem, e me rogavam que voltasse. E a meio da maré ficou o mar bastante manso, e vieram os *Mouros* de terra nas suas almadias, e nos trouxeram suas mercadorias, a saber, pannos de seda ou algodão, dentes de elephante, e uma quarta de *malagueta* em grão e nas suas cascas tal qual cresce, com o que muito me alegrei. E parámos ahi, nem passámos alem por causa das correntes do mar. E quando veiu a maré cheia aconteceu-nos a nós como antes e assim nos voltámos a d'onde nos saímos.

E tomámos terra, onde proximo da praia ha muitas palmeiras, que tinham os ramos quebrados e eram de grande altura, de sorte que ao longe julgavamos que eram mastros ou varas dos negros, e fomos ali, e achámos uma terra cheia de pastagem. E n'aquelle campo vimos mais do 5000 *myongas*, como os pretos dizem em sua lingua, que são animaes pouco maiores que veados, que vendo-nos nada temeram. E d'ali vimos sair de um rio pequeno, coberto de arvoredo, cinco elephantes, tres grandes, com dois novos, fugindo dos sobreditos animaes.

E achámos na praia muitas tocas de crocodilos e voltámos aos navios.

No outro dia tomámos o caminho de *Cabo Verde*. E vimos a grande foz de um rio, que tem tres leguas de largura, onde entrámos, e pela grandeza logo pensámos que aquelle rio era o Gambia, e assim era.

E entrámos com vento prospero e boa maré até uma pequena ilha que está situada no meio do rio, e ali ficámos aquella noite.

Porém pela manhã entrámos mais longe e vimos muitas almadias tripuladas, que assim que nos viram fugiram, porque eram os que assassinarão os supraditos christãos com o seu capitão. Porém no outro dia, alem da cabeça do rio, vimos gentes á parte direita e chegámos até proximo, e fizemos pazes com elles; o senhor d'elles se chama Frangazick, sobrinho de Farisangul, grande principe dos pretos. E ahi recebi d'elles 180 arrateis de oiro em troca das nossas mercadorias, a saber, panno, manilhas, etc. E ali nos disseram porque os pretos do lado esquerdo do rio nos não quizeram fallar e porque mata-ram os christãos.

Porém o senhor d'aquella terra tinha um preto chamado *Bucker*, que conhecia toda a terra dos negros, e eu achei que em tudo dizia verdade, e roguei-lhe que fosse commigo a *Cantor*, e eu lhe quiz dar manteu, camisas e todo o preciso, e assim tambem prometti ao seu senhor, e assim fiz.

E subimos o rio e mandei um capitão com a sua caravella para um certo porto chamado *Ulimays*, e outro ficou em *Animays*. E eu subi o rio quanto pude, e achei *Cantor*, que é uma grande habitação junto d'aquella rio.

E por causa da espessura dos arvoredos que estão de uma e outra parte do rio as velas não poderam seguir.

E eu mandei sair o preto, que levámos comnosco, para que manifestasse aos homens d'aquella terra o modo e fim porque ali viera para tratar commercio.

E assim em grande multidão os pretos se approximaram.

Feita a paz com elles logo souo a fama por todo o paiz que estava os christãos em *Cantor*, e correram de toda a parte para ali, a saber, do norte de *Tambucutu*, e moradores, do lado do sul, para a *Serra Geley*, e vieram gentes de *Quiokuun*, que é uma grande cidade cercada de muralha feita de tijolos cozidos em fornos. E soube por elles que n'aquella cidade havia abundancia de oiro; e que ali passavam as caravanas de camellos e dromedarios levando mercadorias de *Cartago* ou *Tunes*, de *Fez*, do *Cayró*, e de toda a terra dos sarracenos levando oiro, porque ahi ha abundancia de oiro, que é levado das mi-

nas do monte *Gelu*. E outra parte de este monte para o lado opposto se chama a *Serra Lyoa*.

E contaram que estes montes começavam proximo de *Albafur* e seguem para o sul, o que me parece bem, porque todos os rios grandes ou pequenos descem d'estes montes e correm para o occidente. E disseram-me que outros rios correm d'estes montes para oriente, e que havia ali grandes rios, e que perto d'aquella cidade havia um grande rio chamado *Emin*.

E disseram que havia ahi um mar grande, não muito amplo e que estavam ahi almadias grandes como navios, e ás vezes pelejavam uns de uma parte do mar com outros da outra parte, e que os que moravam da outra parte do mar para o oriente eram brancos. E perguntei que senhores reinavam n'aquelles paizes. E responderam que da parte dos habitantes pretos era um senhor chamado *Sambegeny*, e da parte oriental o senhor se chama *Samanagu*, e que sempre tinham guerra, e que havia ainda pouco tempo que tinham travado grande combate, e venceu *Semanagu*.

E disse-me *Admedi*, sarraceno de *Termezen*, que por terra foi ali, e que andára por toda aquella terra e estivera na batalha em mar e terra.

E depois que voltei ao senhor infante contando isto tudo, disse-me que um certo mercador de *Oran* lhe escrevera havia já dois mezes a respeito d'esta guerra que houve entre *Semanagu* e *Sambegeny*. E assim a tudo dava credito.

Estas são as noticias que me deram os pretos que estiveram comigo em *Cantor*.

Interroguei-os ácerca do caminho pelo qual se vae ás terras onde ha o oiro e quem eram os senhores d'aquelle paiz. E disseram que era o rei *Bormelli*, e que toda a terra dos pretos da parte direita do rio era sob o seu dominio, e todos seus vassallos, e que elle habita na cidade *Quioquia*.

E disseram que elle era senhor de todas as minas, e que tinha ante a porta do pateo de sua casa uma pedra de oiro, tal qual nasce na terra, isto é, que ainda não foi ao lume, de tamanho tal que 20 homens a custo a poderiam fazer mexer, e que a essa pedra o rei prendia sempre o seu cavallo, e que tinham esta pedra de oiro não pelo seu valor mas pela nobreza e grandeza de tal achado, e que os nobres da sua côrte trazem os narizes e olhos cheios de oiro.

E disseram que aquella parte oriental era toda cheia de minas de oiro, e que os homens que entravam nas covas para trazer as areias auríferas as traziam para fóra e davam ás mulheres para lavar e para extrahir o oiro da areia. E que aquelles homens não vivem muito por causa do ar que sae das covas do oiro.

E perguntei que caminho se seguia de *Cantor* para *Quioquia*. E disseram que de *Cantor* é o caminho para *Morbomelli* e para *Somanda* para oriente, e de *Somanda* para *Commuberta* e para *Cereculle* e outros logares, cujos nomes esqueci. E nos logares ditos ha muito oiro, e assim bem o creio, porque vi chegar os pretos de agora seguindo aquelles caminhos carregados de oiro. E disseram que *Forisangul* era sujeito a *Mormelli*, que é senhor da parte direita do rio *Gambia*.

E assim feita a paz com estes de *Cantor* os meus homens se fatigavam com o calor, e assim voltámos para procurar as outras duas caravellas.

E achei na caraveilla que ficou em Ollimansa 9 homens mortos, e capitão Gonçalo Affonso bastante enfermo, e outros seus homens tambem enfermos, e tão sómente tres sãos. E achei outra caravella mais abaixo contra o oceano 50 leguas, na qual estavam mortos cinco homens.

E logo voltámos, e viemos para o mar, e vim ao logar onde encontrára aquelle viajante negro e dei-lhe o que lhe promettera.

E então me disseram que da outra parte, isto é, á esquerda do rio, era um certo grande senhor, ao sul, que era chamado *Batimansa*, e eu desejava fazer paz com elle, e mandei-lhe aquelle preto que estivera commigo em *Cantor*.

Porém o senhor d'aquella terra, desejando fallar commigo na margem do rio, em uma grande selva de arvores, trazia comsigo gente infinita armada com setas venenosas, e azagaias e espadas e adagas.

E eu caminhei para elle levando-lhe eu minhas offeras e biscoito e vinho nosso, porque não tem vinho senão de palmeira, isto é, das arvores das tamaras.

E elle deu-me tres negros, duas mulheres e um homem.

E ficou muito contente e muito agradecido, folgando commigo e jurando-me por Deus vivo e uno, que mais não faria guerra aos christãos, e que seguros podiam ir pela sua terra tratando da sua mercadoria.

O que eu quiz experimentar mandando Jacob, indio que o senhor Infante comnosco mandou, para que chegassemos á India, nos servisse de lingua, em terra, e mandei-lhe que fosse ao logar que se chama *Alcuzet*, com o senhor d'aquella paiz, onde de outra vez estivera com um cavalleiro, pela terra de *Geloffa* para encontrar a terra de *Gela* e *Tambucutu*.

O qual Jacob indio me contou que *Alcuzet* é terra muito viçosa, tendo um rio de agua doce e muitos limões, que elle me trazia. E o senhor d'aquella paiz me mandou dentes de elephantes, um deveras grande, e quatro pretos, que levaram o dito dente ao navio, e assim

vieram em paz até aos nossos barcos, e assim fiquei assegurado por elles. E depois d'isto fui á sua residencia, onde estavam habitações de muitos pretos. As suas casas são feitas de cannas marinhas cobertas de colmo, e fiquei com elle por tres dias. Aqui ha muitos papagaios e muitas onças, e elle mesmo me deu seis pelles de onças, e mandou matar um elephante e levar a carne ás caravellas.

E ahi soube eu a verdade, que todo o damno feito aos christãos o fizera um certo rei, chamado *Nomymans*, que possui a terra que jaz n'este promontorio. Com o qual muito trabalhei em fazer paz, e mandei-lhe muitos presentes pelos seus homens em almadias suas, que iam buscar sal ao seu paiz; o sal abunda ali e é de côr vermelha.

E muito receava dos christãos por causa do damno que lhes fizera e as caravellas já nomeadas. E foi pelo rio contra o oceano até ao porto que está cerca da foz do rio. E elle mandou-me grande numero de homens e mulheres para me experimentar se por acaso eu lhes faria algum mal; o que eu fiz pelo contrario recebendo-os com affabilidade.

Depois que o rei ouviu isto veio á margem do rio com grande poder, e assentando-se na praia mandou que me approximasse, o que eu fiz com as minhas ceremonias, do melhor modo que pude. Estava ahi um certo bispo da sua igreja que me interrogou a respeito do Deus dos christãos. E eu respondi-lhe conforme a intelligencia que Deus me deu. E por ultimo eu mesmo interroguei a respeito de *Maffomete*, no qual elles acreditam. As quaes palavras agradaram áquelle senhor rei, de tal sorte que mandou ao bispo que em tres dias saísse do seu reino.

E erguendo-se em pé disse, que sob pena de morte ninguem mais ousasse nomear *Maffomete*, porque só cria no Deus vivo e uno, e que não acreditava que outro Deus existisse senão aquelle em que o Infante Henrique, seu irmão, dizia que acreditava, chamando ao senhor Infante seu irmão, desejando que eu o baptisasse, o que todos os senhores da sua casa e similhantemente as mulheres d'elle disseram tambem.

E o proprio rei dizia que elle não tinha outro nome senão *Henrique*.

E os senhores d'elle recebiam os nossos nomes, como Diogo, Nuno, e outros nomes dos christãos.

E fiquei aquella noite em terra com o rei e seus cortezãos, e não ousava baptisa-los porque era leigo. No outro dia roguei para que o rei com os seus doze cortezãos mais velhos, e oito mulheres que fossem commigo á caravella comer, o que todos fizeram sem armas.

E dei-lhes gallinhas e carnes preparadas ao nosso uso e vinho branco e tinto quanto quizeram beber, e elles diziam e repetiam que nenhuma outra gente era melhor que a dos christãos.

Depois, porém, em terra quiz que eu o baptisasse. Respondi-lhe que não tinha poderes para isso concedidos pelo summo pontifice.

Mas se elle assim o desejava eu o diria ao senhor infante que lhe enviasse um sacerdote que os viesse baptisar.

E elle quiz logo escrever ao senhor infante para que lhe mandasse o sacerdote e um fidalgo que o instruissem na fé, e que lhe mandasse um açor, ave de caça, porque se admirou muito quando lhe disse que os christãos traziam na mão uma ave que apanhava as outras aves; e que lhe mandasse mais dois carneiros e ovelhas e patos, machos e fêmeas, e um porco; e ainda alem d'isto que lhe mandasse dois homens que soubessem fazer casas, e cercar a sua cidade de taipa. O que tudo lhe prometti que o senhor infante tudo satisfaria. E quando parti elle chorava com todos os seus por causa da muita amisade que se firmára entre mim e elle.

E aconteceu que nos dois annos proximos ninguem foi á Guiné, porque o rei Affonso, com 352 vélas, passou á Africa e tomou a poderosissima cidade de Alcacer Quibir (dalquivi) e por este motivo o sr. infante, entretido com este negocio, não attendeu á Guiné. Eu, depois, relembrei ao senhor infante das cousas que aquelle rei lhe escrevera, e tudo mandou tal qual eu o promettera.

Depois que deixei o rei de *Gumbia*, segui caminho de Portugal, e enviei directamente para Portugal uma caravella que tinha mais sardia a gente da tripulação, a outra caravella ficou commigo porque tinha a companha mais adoentada. E disse ao capitão da primeira caravella que se apanhasse vento prospero que seguisse a Portugal, e senão que me esperasse em *Arguim*. E assim partiu. Eu, porém, com a outra caravella fui até Cabo Verde com vento prospero.

Indo nós proximo da margem avistámos duas almadias que iam no mar. E puzemo-nos entre elles e a terra, e navegámos para elles, e em cada uma das almadias estavam 38 homens. E o interprete chegou-se-me e segredou-me que ali estava *Beseghichi*, senhor d'aquella terra e homem medroso de que já acima fallámos. E eu fiz com que elles entrassem na caravella, e dei-lhes de comer e beber e presentes, e disse-lhes, como se não soubesse que o senhor d'elles estava ali, para o experimentar: esta terra é *Beseghichi*? E elle mesmo disse: Assim é.

E eu disse-lhe: Porque é elle tão mau para os christãos? Era melhor para elle fazer pazes com os christãos, e que uns e outros trocassem as suas mercadorias, e teria cavallo, etc., como faz *Bur-*

bruck e *Badamel* e outros senhores dos negros. E digam-lhe lá que eu vos tomei n'este mar, e que por amor d'elle vos deixo ir livres para terra.

Ficaram muito contentes; e disse-lhes que entrassem nas suas almadias; e entraram. E depois de todos estarem nas suas almadias disse então ao *senhor*: «*Beseghichi, Beseghichi*, não julgues que te não conheci; certamente eu poderia fazer de ti o que quizesse. E visto que te fiz bem, tu agora faze o mesmo aos nossos christãos».

E assim cada um de nós seguiu o seu caminho.

Poucos dias depois passámos o cabo *Tofia* e *Anterot* e entrámos em *Arguin*. Não longe da terra achámos uma ilha chamada *ilha de Garças*, que está despovoada e é pequena, de 1 legua em redor. Ali achámos multidão innumeravel de aves de todas as qualidades, e tambem ninhos de pellicanos e alguns d'estes mortos. E não são assim como os pintores os pintam, mas teem o bico largo, e papo grande, onde podem bem metter uma medida de trigo que vulgarmente se chama alqueire. Havia ali tantas aves, que matámos quantas pudemos levar para o barco, e entrámos em *Arguin*, e depois navegámos para Portugal, e chegámos ao Algarve, á cidade de Lagos, onde estava então o senhor infante, que ficou muito alegre com a nossa chegada.

Depois da chegada do senhor infante, na armada com o rei Affonso recordei ao senhor infante o que me dissera o rei *Nomimans*, que lhe mandasse tudo o que elle pedira. O infante tudo fez, e mandou para ali o sacerdote parente consanguineo do cardeal, abbade de Soto de Cassa, para que ficasse com aquelle rei, e o industriasse na fé. E com elle foi um moço de camara chamado Johan Delgado, e isto foi no anno 1458.

No anno do Senhor de 1460 o senhor infante Henrique adoeceu na sua villa que está no cabo de S. Vicente, da qual doença morreu em 13 de novembro do mesmo anno, n'uma quinta feira. E na noite em que morreu, o levaram para a igreja de Santa Maria em Lagos, onde foi sepultado honradamente. E o rei Affonso estava então na cidade de Evora: e ficou muito triste, elle e o seu povo, pela morte de tão grande senhor; porque todos os rendimentos que tinha, e tudo o que provinha de Guiné tudo gastava na guerra e em constante armada no mar contra os sarracenos, pela fé christã. No fim do anno o rei Affonso me mandou chamar, porque pelo mandado do rei eu ficára em Lagos junto do corpo do infante, provendo do necessario os sacerdotes que se empregavam em continuas vigalias e nos officios divinos, e mandou, que visse se o corpo do infante estava em podridão, por-

que queria trasladar os ossos para o formosissimo mosteiro chamado Santa Maria da Batalha, que seu pae (avô) o rei João I edificára com os frades da ordem dos prégadores.

Eu, chegando ao cadaver o descobri, e encontrei-o secco e intacto excepto na ponta do nariz. E achei-o cingido por cilicio aspero de sedas de cavallo. Bem canta a egreja: não permittirás que o teu santo se corrompa (*non dabis sanctum tuum vertere corruptionem*). O qual senhor infante até á sua morte foi virgem, e fez muitos beneficios na sua vida, que seria sem fim o contar.

Então o rei mandou o seu irmão D. Fernando, duque de Beja e bispos e condes, para que levassem o corpo até ao mosteiro da Batalha, onde o rei esperava o corpo do fallecido.

E ficou sepultado o corpo do infante n'uma grande e formosissima capella, que seu pae o rei João fez construir, onde o proprio rei jaz, e sua mulher D. Filippa, mãe do infante e cinco irmãos d'elle, de todos os quaes a memoria será louvada eternamente. E repousam em santa paz. Amen.

Dois annos depois o senhor rei Affonso armou uma grande caravella, onde me mandou por capitão; levei dez cavallos commigo e fui á terra dos *Barbacins*, que está entre *Serreos* e o rei Nomimaus.

E estes *Barbacins* são dois reis, a saber: *Barbacin dun* e *Barbacin negor*. O rei deu-me poder sobre as margens d'aquelle mar, para quaesquer caravellas que encontrasse em terra de Guiné fossem sob minha auctoridade ou dominio, porque elle sabia que ali estavam caravellas que levavam espadas e outras armas aos mouros, ordenando-me que as tomasse e lh'as trouxesse a Portugal.

Com a ajuda de Deus, em doze dias cheguei a *Barbacins*, e achei ali duas caravellas, a saber: uma, na qual ia Gonçalo Ferreira, familiar do senhor infante, vizinho da cidade do Porto, em Portugal, que levava cavallos para ali. E na outra caravella era capitão e mercador, levando tambem cavallos, Antonio de Noli, genovez.

E isto foi no porto de Zaya. Tambem ali encontrei Borgebil, que foi rei de Geloffa, que para ali fugira com medo do rei Burbuck que lhe tomára a terra.

Estes mercadores com as suas caravellas fizeram muito damno ao resgate d'ali; porque onde costumavam os mouros dar 7 negros por um cavallo, a elles não davam mais de seis.

Então eu convoquei os capitães, e da parte do rei lhes dei sete negros por um cavallo, e dei depois um cavallo por quatorze e quinze negros. E estando nós assim veio uma caravella de Gambia com a nova de que um fuão, chamado de Prado, vinha com uma caravella cheia de riqueza.

Armei logo a caravella de Gonçalo Ferreira e mandei-lhe da parte de el-Rei sob pena de perda de vida e de todos os seus bens, para que fosse a Cabo Verde e ali esperasse aquella caravella. E assim fez, e a tomou, e n'ella encontrámos muito oiro. E eu puz um capitão do rei com o dito Gonçalo Ferreira, e escrevi isto tudo ao rei.

Eu e Antonio de Noli, do porto de Zaya, fomos dois dias e uma noite caminho de Portugal, e vimos ilhas no mar. E porque a minha caravella era mais veleira que a outra, cheguei eu primeiro a uma d'aquellas ilhas, onde vi areia branca, e, parecendo-me bom o porto, lancei a ancora e o mesmo fez Antonio. E disse-lhes que queria ser o primeiro a pôr pé em terra, e assim fiz, e nenhum indício de homem vimos ahi.

Chamámos Santiago á ilha, e até agora assim se chama.

Havia ali grande pescaria. Em terra, porém, achámos muitas aves estranhas e rios de agua doce. As aves esperavam-nos sem fugir, assim as matavamos com paus. Havia ahi muitos patos. Tambem era grande a fartura de figos, mas não estão dispostos nas arvores do mesmo modo que nas nossas figueiras; porque os nossos estão perto da folha e estes por todo o tronco, desde o pé da arvore e d'ahi para cima por toda a casca dos ramos. D'estas figueiras ha grande numero; e ali tambem vimos farta pastagem.

E eu tinha um *quadrante*, quando fui a estes paizes, e escrevi na tabula do quadrante a altura do pólo arctico, e o achei ahi melhor do que na costa. É certo que, na costa apparece o *caminho de navegar*, a rota do navio, mas muitos erros juntos nunca levam ao proposito principal.

E depois vimos a ilha da *Canaria* que se chama *Palma*, e em seguida fomos á ilha *Madeyra*. E querendo ir a Portugal com o vento contrario fui ás ilhas dos Açores, e Antonio de Noli ficou na ilha da *Madeyra*; com melhor tempo chegou a Portugal antes de mim, e pediu ao rei a capitania da ilha de S. Thiago, que eu descobrira; e o rei deu-lh'a, e elle a conservou até morrer. E eu com muito trabalho cheguei a Portugal, Lisboa. E o rei depois de algum tempo veio ao Porto, de Portugal, onde jazia em ferros o *Prado*, que fôra captivo por *Gonçal Ferreyra*, porque levára armas aos mouros. E o rei mandou que o martyrisassem em um carro, e mandou fazer uma fogueira, onde o lançassem e com elle as suas espadas e o seu oiro.

Das ilhas do mar oceano do occidente

Das ilhas primeiramente descobertas no mar oceano do occidente, e primeiramente das ilhas Afortunadas, agora chamadas das Canarias.

Ouvi eu, *Dioguo Gomes de Sinfra* que algumas caravellas da armada do rei João de Portugal que foram á Africa contra os Sarracenos, apanhando vento contrario, não puderam resistir á tormenta, correram e viram algumas ilhas. Contentes de ver terra, e julgando ali encontrar algum refugio d'aquella tormenta, foram a uma ilha, agora chamada *Lançarote*, e acharam-n'a despovoada. E julgavam que todas as outras fossem desertas. Passado o temporal voltaram a Portugal, narrando isto ao rei, e assim se espalhou grande fama por toda a Hespanha de ilhas achadas no mar oceano occidental, alem da ilha de *Gades*, que está no mar Atlantico.

Um certo fidalgo do reino de França, de grande familia, chamado *Missier Joham de Betingkor*, leproso, envergonhando-se por isto dos seus nobres conhecidos vendeu todos os seus bens.

Levando comsigo sua mulher e sua familia, chegou ao reino de Castella, á cidade *Hispalis* ou *Sevilla*, e ahi residiu por algum tempo. E ouvindo a noticia d'estas ilhas, e que eram despovoadas, dizia comsigo que em nenhuma parte do mundo poderia viver melhor e mais sem vergonha do que n'aquellas ilhas, porque não eram povoadas.

E adquirindo navios os fez encher de todas as cousas necessarias e de instrumentos ou ferramentas, e de trigo, e da sua familia, homens e mulheres, que da sua patria comsigo trouxera.

E até hoje em dia as mulheres que habitam na ilha, que é chamada agora *Forteventura*, na linguagem e no trajar se assemelham ás francezas.

Este fidalgo tambem povoou a outra ilha proxima d'aquella, ora denominada Lançarote. E ahi permaneceu elle mesmo com sua familia, e ahi morreu.

Apoz a morte d'este fidalgo ficou seu filho por senhor d'estas ilhas, por nome *Missier Miziot*. Este *Miziot* teve duas filhas; deu em casamento uma d'ellas a um certo fidalgo por nome *Cabreyra*; e a outra filha, chamada *Dona Maria de Bettencor*, a rogo do senhor infante, o pae a levou da ilha de Lançarote a Portugal, e o infante a deu em casamento a um certo fidalgo de sua casa, filho de *João Gonçalos*, que foi o primeiro que povoou a ilha da Madeira.

E o sobredito *Cabreyra* teve uma filha, que deu em casamento a um cavalleiro do reino de *Castella*, chamado *Ferreyra*, que é agora

senhor d'aquellas ilhas com parte da *Gram Canaria*, que lhe obedeceu.

E o senhor infante armou outra vez as suas caravellas e poz-lhe por capitão um chamado *Alvaro Dornellas*, o qual morreu nas partes de Guiné, em *Alcuzet*, como já disse, na primeira descoberta de Guiné.

Este *Alvaro Dornellas* tomou e teve metade da ilha, chamada *Gomera*, que ganhou na guerra, que teve com os habitantes das Canárias

São estes os nomes das ilhas Canárias:

Sancta Clara, *Allegranza*, *Graciosa*; estas são despovoadas.

Lançarote, *Forteventura*, *Gomera*, *Teneriffe*, *O Ferro*, *Palma*. Todas estas são habitadas.

Na *Gram Canaria* e *Gomera*, cerca de metade dos habitantes são christãos. Das duas outras ilhas e *Teneriffe* e *Palma*, os habitantes são gente d'aquella terra, chamados *Canarios*, que é um grande povo. Por Deus adoram o sol.

Os homens naturaes da *Gram Canaria*, dos idolatras, são de grande corpo, e entre elles alguns se chamam cavalleiros.

E não comem carne de cabra, que ahi têm em abundancia, nem os figos que crescem n'aquelle logar, chamado *Telle*. E comem aveia. Nenhum homem de bem ahi exerce a profissão de carniceiro ou cortador de carne; só aquelle a quem teem odio fazem cortador. E se algum viajante vier pedir hospedagem a alguém, o dono da casa lhe dá a mulher para dormir com elle, se o hospede não quizer dormir com ella, fica julgado inimigo mortal. E se algum d'elles dá o seu filho para casar, dá-lhe muitas cabras por presente e dote; e quando quer deixar a mulher por algum tempo, e quando de novo para ella quer voltar, tem de lhe dar dez cabras, etc.

Ilha Teneriffe

Esta ilha é aguda como pão de assucar, e é tão alta que passa alem da primeira região do ar, e aquelle monte é de pedra pomes. No pé d'este monte é a terra muito boa e fertil. E os *Canarios* d'esta ilha são de pequeno corpo e ferozes na peleja. E teem entre si tres reis, e dizem que havia ahi 23:000 homens. E teem um costume entre si, que quando o rei morre lhe extrahem as visceras, e as mettem n'uma caixa feita de folhas de palmeira.

E ha ahi um certo logar perigoso n'um monte que entra pelo mar, em estreito espinhaço, e tomam um homem da sua geração, de sua propria vontade, que leva comsigo as visceras do rei, e vae ao tal

logar estreito, o mais longe que póde ir, e lança-se ao mar, de onde jámais póde voltar; d'aquella altura ao fundo são bem 500 covados. Os outros estão a ver, e alguns dizem: «encommendo-te ao rei», e outros dizem: «encommendo-te ao pae», outros «ao filho», outros «ao seu amigo morto», e «dize-lhe que as suas cabras estão muito gordas, ou magras, ou se mortas ou vivas».

E todas as noticias que sabem dos reis ou dos seus parentes mandam, pelo que se lança ao mar, aos reis e aos parentes mortos. E depois tomam o cadaver do rei e enchem-n'ó de manteiga e põem-n'ó n'um espeto como gallinha, e mettem-n'ó n'uma caverna, e á entrada d'ella para sua guarda collocam um homem honrado que deve ter cuidado de que os cabellos da cabeça do rei morto não cáiam, nem a pelle do corpo por tempo de um anno. E se os cabellos cáem teem-n'ó por grande peccador; se, porém, não cairem o consideram por homem bom. E juntam-se todos, e fazem grande banquete, e prestam-lhe a maior homenagem. E depois do banquete levam-n'ó ao logar perigoso onde o outro se lançou ao mar, para que faça o mesmo acompanhando o rei no outro mundo.

Fazem os anzoos com que apanham os peixes, com os chifres das cabras; ha n'aquellas ilhas muitas arvores de muitas qualidades, e rios e arvores.

Ilha de Palma

Homens e mulheres são de grande corpo, rusticos, silvestres e ferozes; e têm numero certo de quantos se podem sustentar em toda a ilha; e não consentem que os seus proprios filhos excedam aquelle numero. E se nascerem mais filhos do que pertence ao seu numero, então o pae e a mãe tomam o filho, põem-lhe a cabeça sobre uma pedra, agarram n'outra pedra e dão na cabeça do menino, quebram-lh'a e assim os matam, olhos e cerebro espalhados no chão, o que é crueldade enorme dos paes. Fazem o mesmo quando algum christão chega á ilha, se excede o numero marcado n'aquella hora, se não deixam-n'ó viver.

Da ilha Selvagem

Em certo dia, vindo eu, Diogo Gomes, pela ultima vez de Guiné a meio das ilhas Canarias e a da Madeira, vi uma ilha e estive n'ella, chamada ilha Selvagem. É esteril, ninguem habita ahi, nem tem arvores nem rios. As caravellas do senhor infante descobriram esta ilha, e descendo em terra acharam muita urzella, que é uma herva que tinge os pannos de côr amarella, e acharam-n'a em grande abundancia. Depois alguns pediram ao senhor infante que lhes desse li-

cença para irem ali com as suas caravellas, e podessem transportar a urzella a Inglaterra e Flandres, onde tem grande valor. O senhor infante deu-lhes licença, com a condição de lhes darem a quinta parte do lucro, o que fazem. E o senhor infante mandou para ali cabras, machos e femeas, que se multiplicaram em grande multidão.

Ilha de Porto Santo, perto da ilha da Madeira

No tempo do infante D. Henrique, uma caravella, correndo com tormenta, viu uma ilha pequena, a qual está proxima da ilha da Madeira, que se chama agora Porto Santo, não povoada. E n'esta ilha de Porto Santo ha muitas arvores chamadas *dragoeiros* que deitam uma linda resina de côr vermelha, que chamam sangue de drago. E voltou a caravella annunciando ao infante a terra descoberta, trazendo o sangue de drago e ramos de outras arvores, do que o senhor infante ficou muito contente.

Da ilha da Madeira

Pouco tempo depois mandou o senhor infante uma caravella para visitar e examinar a ilha descoberta de Porto Santo, onde foi por piloto Affonso Fernandez, de Lisboa, e entraram n'ella. E passaram alem directamente á ilha agora chamada da Madeira. E perto d'ahi outra ilha, agora chamada Deserta; e entre uma e outra acharam o logar chamado *Funtschal*, parte da ilha da Madeira, onde agora ha grande povoação; e ahi nascem muitas aguas. E percorreram a ilha no occidente e encontraram muitos rios e lindos logares de habitação que se chamam agora *Funtschal*, *Camara de Lobos*, *Ribeira Brava*, *Ribeira de Akurudu* e *Santa Cruz*, *Matschico*, *Caniso*; todos estes são bellissimos logares para habitar.

Todavia não puderam ver que tal era a terra porque estava toda cheia de arvores, cedros e outras especies. Voltaram ao senhor infante dando-lhe esta nova, o que muito o alegrou.

De que modo foi povoada

Não muito tempo depois um cavalleiro, familiar e criado do senhor infante, de nome *Joham Gonçalvez Zarco*, não muito abastado, pediu a capitania d'aquella ilha ao senhor infante, dizendo que iria para ali com sua mulher e familia, e a povoaria. Agradou isto ao senhor infante, e preparou caravellas mandando vaccas, porcos, ovelhas e outros animaes domesticos, e foram desembarcar ao sobredito logar de *Funtschal*.

Entrou ahi com todos os seus, e com tudo o que levára, fazendo logo casas com ramos das arvores e colmo, porque toda a ilha estava cheia de feno e arvores, e de folhas que caíam das arvores.

As caravellas voltaram a Portugal, ficando elles na ilha, para lhes levar victualhas e outras cousas necessarias aos que ficavam. Porém desejando o cavalleiro saber a qualidade da terra que estava sob o feno e as folhas de arvore, se era fertil ou esteril, incendiaram feno e folhas que estavam pelo chão.

Cresceu o fogo, e de tal sorte se fez grande, que as casas com tudo o que tinham arderam. Homens e mulheres não tinham outro remedio senão metter-se em agua até ao pescoço, e ainda assim julgavam morrer queimadas. E deram ao rio onde assim estiveram o nome de *Ribeyra dos Çuccurendus*. E assim ficaram ali na ilha sem alimentos até que o senhor infante lhes mandou os precisos; e entremettes comiam aves, de que ha ali enorme quantidade; e tambem peixes do mar que pescavam, de que tambem ali se encontra grande abundancia. E é verdade que a multidão das aves era tamanha ahi, que se algum homem ou mulher levava um cajado ao hombro, pombos e corvos pousavam n'elle, e podiam ser apanhados á mão. E dizem que durante nove annos a ilha ardeu sempre, porque o fogo era impossivel de apagar por causa da grande massa de folhas, que por tanto tempo se tinha accumulado.

E quando eu *Diogo Gomes* ali fui pela primeira vez, que ha já mais de trinta annos, me disseram que ainda em alguns logares havia fogo sob o chão. E assim passaram por toda aquella terra, procurando e examinando o solo, a ver qual a melhor para habitar, e não acharam outra melhor que o sitio do *Funtschal*.

E encontraram ahi madeira de que fazem arcos, em lingua vulgar *tesch*, de grossura como uma pipa, e muito alta. E acharam tambem abundantissima madeira de cedro, grossa como a madeira sobredita, e arvores, que chamam *barbasano*, e outra madeira pesada como chumbo, que nem a agua nem a terra a pôde corromper. E se alguma d'estas madeiras for posta em qualquer edificio permanece sã para sempre. Ha ainda outra madeira, chamada *barrabalano*, que é bastante branca, emquanto que o *barbasano* é vermelho, tendendo para preto. E ainda a madeira *tyll* e outras arvores diversas das nossas.

E voltaram os navios ao senhor infante, contando-lhe que tudo se queimára na ilha. O infante immediatamente para ali mandou navios com victualhas e animaes, homens e mulheres para a povoarem.

Esses começaram a semear trigo e aveia, e era tão fertil o solo que uma medida dava 50 e mais, e assim dos outros fructos da terra que semeavam.

E tinham ali tanto trigo que os navios de Portugal, que por todos os annos ali iam, quasi por nada o compravam.

Pouco tempo depois um cavalleiro de nome *Tristan* requereu ao senhor infante que lhe dêsse outra parte da ilha da *Madeira*, tambem optima terra para povoar, agora chamada *Matschico*.

E o senhor infante lh'a deu, e por isto ficou a ilha repartida assim: a parte occidental *Funchal* ficou a João Gonçalves, a qual é muito fertil, onde ha trigo com fartura, optimo vinho de Malvasia, e tambem vinho de Terrasco, cannas de assucar, de que fabricam assucar em tal quantidade, que é exportado para as regiões orientaes e occidentaes. A parte oriental da ilha *Matschico* ficou pertencendo a Tristan (Teixeira), onde tambem cresce tudo o que se disse; todavia a parte occidental é melhor.

O infante D. Henrique entregou esta ilha á ordem de Christo, e assim os povoadores não pagam outro tributo senão a dizima a Deus e á ordem de Christo. Esta ordem foi instituida apoz a destruição da ordem dos Templarios, e usam cruz vermelha, e a meio da cruz uma pequena cruz branca, e possuem os dominios dos Templarios.

Tendo morrido o capitão *Joham Gonçalves*, ficaram seus dois filhos cavalleiros e fidalgos; o mais velho chamado *Joham Gonçalves de Camera* ficou capitão em lugar de seu pae, o outro *Rodrigo Gonçalves de Camera* foi feito capitão na ilha de São Miguel, que é uma das principaes das ilhas dos Açores. E quando falleceu Tristan, capitão de *Matschico*, lhe ficaram quatro filhos; o mais velho chamado *Tristan Teschera* ficou capitão em lugar de seu pae, e os outros irmãos ficaram com elle.

Do descobrimento das ilhas dos Açores

Em tempo o infante D. Henrique, desejando conhecer as regiões afastadas do oceano occidental, se acaso haveria ilhas ou terra firme alem da descripção de Tolomeu, enviou caravellas para procurar terras. Foram e viram terra a occidente alem do Cabo de *Finisterrae* umas trezentas leguas, e viram que eram ilhas, entraram na primeira, acharam-na deshabitada, e, percorrendo-a, acharam muitos açores e muitas aves; e foram á segunda, que ora é chamada *ilha de S. Miguel*, igualmente despovoada, tendo tambem muitas aves e açores, onde, alem d'isto, encontraram muitas aguas quentes naturaes, s. de enxofre.

D'ahi viram outra ilha, agora chamada *Ilha Terceyra*, que era assim como a ilha de S. Miguel cheia de arvoredos, aves e muitos açores. E descobriram ali perto outra ilha, agora chamada *Ilha do*

Fayal. E immediatamente outra ilha a duas leguas da ilha do *Fayal*, agora chamada *Ilha do Pico*; esta ilha é um monte de sete leguas de altura, tanto que muitas vezes os habitantes accendem luzes julgando ser noite, e ainda se vê o sol no cume do monte. Os navios voltaram a Portugal annunciando esta noticia ao senhor D. Henrique, o qual se alegrou muito.

Da primeira ilha dos Açores, Santa Maria

O infante D. Henrique mandou um certo cavalleiro por nome *Gonçalo Velho*, que nomeámos acima ao tratar do descobrimento da Guiné, por capitão das caravellas, que levavam animaes domesticos, que enviava para cada uma das ilhas.

E chegando á primeira, que se chamava ilha de *Gonçalo Velho*, agora chamada *Santa Maria*, lançaram ali animaes, s. porcos, vaccas, ovelhas, etc., de que ha ali agora grande quantidade. N'esta ilha habitou aquelle cavalleiro por algum tempo.

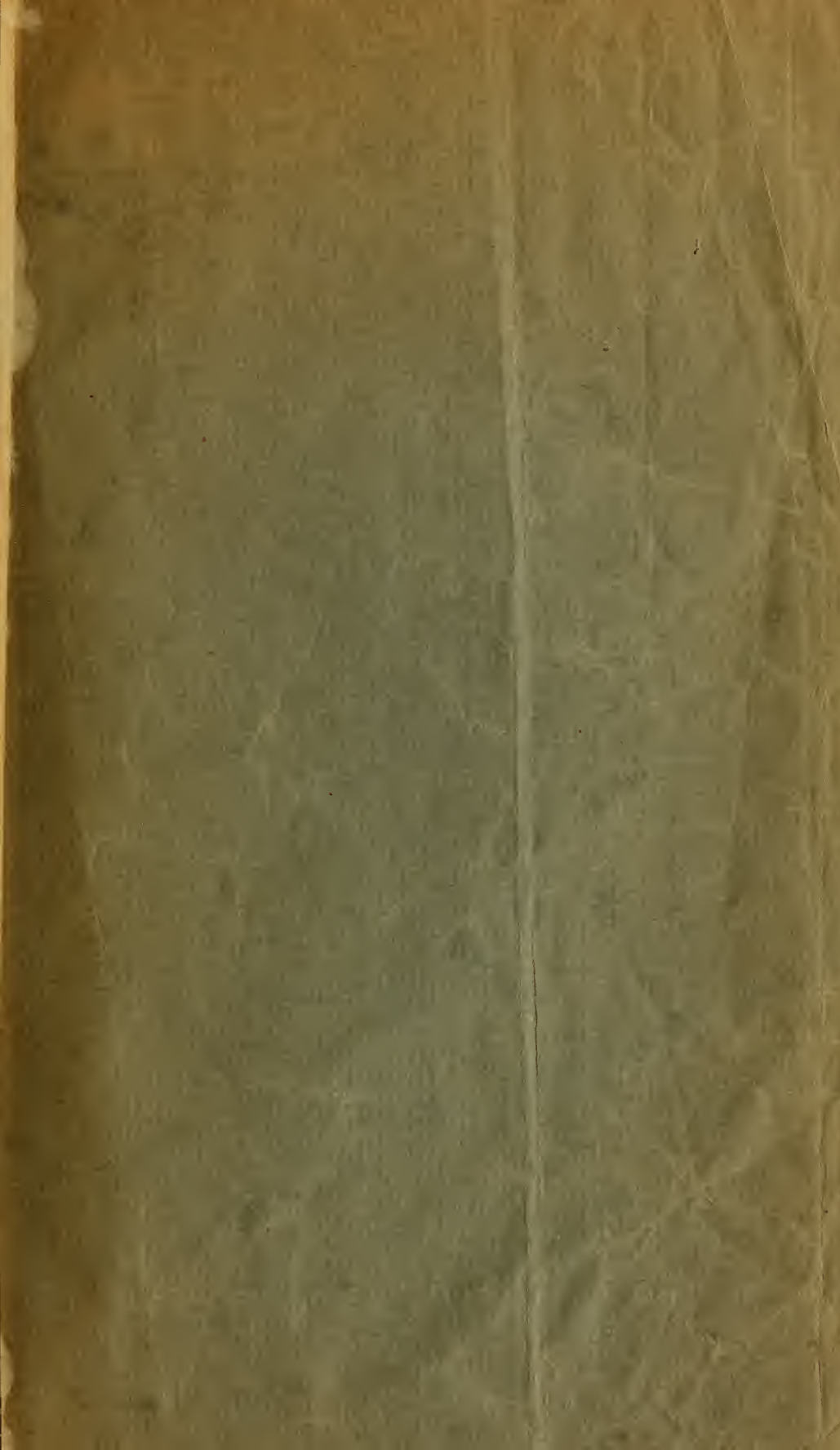
Da ilha de S. Miguel

Foram depois á ilha de S. Miguel, lançaram ahi igualmente porcos, vaccas, ovelhas, etc., dos quaes ha ahi multidão grande, de modo que todos os annos de ahi trazem gado para Portugal. E igualmente ha ahi tanta quantidade de trigo, que todos os annos ali vão navios e trazem trigo para Portugal.

N'esta é agora capitão *Rodoricus Gonçalvez*, irmão de João Gonçalves, capitão da ilha da Madeira.

Não muito tempo depois o *infante D. Pedro*, irmão do *infante D. Henrique*, pediu a seu irmão esta ilha, que lhe foi dada no temporal, e no espirital, que assim ficou como as outras ilhas da *Ordem de Christo*, dando de todas a dizima, que o summo pontifice *Eugenio* papa confirmou, e onde fez menção que todas as ilhas descobertas no mar oceano eram do senhor *infante* e da *Ordem de Christo*.

O infante *D. Pedro*, que n'aquelle tempo era regente do reino de Portugal, mandou homens para ali a povoar esta ilha, e enviou para ahi muitos *trotones*, cavallos da Allemanha, onde por isto se encontram agora em grande quantidade. E acharam ali muitos porcos que foram gerados desde o primeiro descobrimento até ao tempo de então. Ahi ha um grande monte cheio de fogo, que no verão apparece como carvão em braza, e no inverno mostra grande fumaceira. Ahi tambem, n'uma grande planicie, ha terra que parece cinza, sempre em fervura, e tudo o que se lança a esta terra se consome immediatamente.



SMITHSONIAN INSTITUTION LIBRARIES



3 9088 01173 0785